



MÍDIA E CULTURA: REPRESENTAÇÕES DA CULTURA DE MASSA NA TELA DA (EP)TV SUL DE MINAS

Francisco Donizete de Souza
francisco.donizete@gmail.com

Igor Rafael de Paula
depaula.ir@gmail.com

Jhonatan da Silva Corrêa
jhonalfe@hotmail.com

Thiago Veríssimo Esteves
verissimo_03@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende discutir como a cultura sul-mineira é representada no principal veículo informacional regional – a EPTV - dentro de seu principal programa, o Jornal da EPTV – 1ª Edição. Partindo de um método dialético, o estudo busca, através da análise do discurso subliminar contido no programa jornalístico, a elucidação das intencionalidades que a mídia possui ao abordar a cultura regional. Neste sentido, a observação de 681 reportagens em um período de 52 dias foi realizada para classificar, com êxito, quais as relações culturais mais presentes e de que maneira isto ocorre na programação.

Palavras-chave: Mídia ; Cultura sul-mineira; Jornal da EPTV.

1. INTRODUÇÃO

As Emissoras Pioneiras de Televisão, mais conhecida pela sigla EPTV são um aglomerado midiático-televisivo que abarca 4 regiões de influencia dividido em 2 Estados, sendo 3 mesorregiões concentradas no Estado de São Paulo, e 1 apenas no Estado de Minas Gerais.

Hoje, uma das filiais da Rede Globo de Televisão, a EPTV, foi inaugurada no ano de 1979, pelo empresário José Bonifácio, um dos fundadores e primeiro presidente da TV Cultura. Criando em 1980 a sede regional em Ribeirão Preto, a proposta sempre foi a de aliar-se como emissora regional à Rede Globo. Em 1988, inaugura-se a EPTV Sul de Minas e, no ano seguinte, em 1989, a EPTV Central, da região de São Carlos. As TVs Regionais, surgiram, [sic] na própria definição da Emissora como uma realidade e, até mesmo, “uma necessidade mercadológica” (EPTV, 2015).

Atualmente, a EPTV cobre 300 municípios, distribuídos em 2 Estados. Só a EPTV Sul de Minas reúne 143 municípios – líder neste quesito - , sendo também a segunda região em nº de população total atingida 2.640.211 hab. e de domicílios com TV, 838.568.



Fonte: EPTV, 2015.

Após uma breve definição do histórico da EPTV e da distribuição de sua rede midiática nas regiões de alcance, faz-se importante agora, trazer algumas definições conceituais que direcionam este trabalho, antes de iniciarmos uma discussão sobre a abordagem cultural do veículo midiático regional, a EPTV – Sul de Minas. É importante ao passo que, geralmente, tem-se o vício de cometer equívocos que distorcem aquilo que nós autores realmente queremos passar. Se o conceito tratado for repassado de modo a emanar um saber enlatado, não genuíno, o trabalho tende a se comprometer e a carregar uma artificialidade. E não se trata obstante de uma artificialidade atrelada ao senso comum. Mas também uma artificialidade vinculada a um senso-comum-acadêmico, que produz-se e reproduz-se por muitas vezes sem a consideração de outros ângulos de observação muitas vezes mais potencialmente inovador.

Antes mesmo de expor os resultados colhidos neste trabalho, será necessário antes desmistificar e esclarecer alguns conceitos que desempenham um papel estruturante nesta pesquisa. Trabalha-los em um *degradé* que se comunica em uma valsa suave e

compassada, para quê, por fim, o quebra-cabeça nos ilustre uma imagem tão nítida quanto a imagem das TVs mais “modernas”. Não podemos cometer o grave equívoco de discutir aquilo que pouco conhecemos. É leviana uma discussão que não parte primeiro de perguntas simples, porque é justamente a simplicidade das perguntas que tornam a discussão complexa. É importante migrar ora da simplicidade para a complexidade, ora da complexidade para a simplicidade, pois, não se conhece uma moeda por inteiro se não observarmos seus dois lados; muito menos o pensamento se tivermos amarras ideológicas que nos mantêm fiéis como um rebanho de ovelhas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para tanto, problematizar-se-á mais ricamente o conceito de mídia, a guisa de proporcionar um completo entendimento do leitor neste artigo. Se considerarmos a etimologia, a palavra mídia deriva do latim *medium*, que significa meio. O meio é o mecanismo – um determinado ponto o qual se quer chegar. Pode-se pensar a mídia portanto, como um instrumento que parte de uma prerrogativa e que, através de seus arranjos e técnicas permite alcançar resultados predeterminados. Contudo, considerar este “meio” em um todo imerso à historicidade de nosso tempo, requer incluí-lo em um espaço-tempo onde a indústria cultural afirma-se de maneira cada vez mais estratégica.

Por isto, antes, Liziane Guazina (2007, p.49-50) procura discernir a mídia no campo da Comunicação e na Ciência Política, e nos mostrar que mídia não se trata de um mero “meio”, pois,

Com a consolidação da indústria cultural, de uma cultura e uma comunicação de massa, da conexão cada vez mais estreita entre o campo da política e o papel da comunicação nas sociedades democráticas ocidentais (assim como a constituição, a ferro e fogo, de um campo próprio de conhecimento da Comunicação, em que a interface com a Política já é uma especialidade relevante), as pesquisas desta área de confluência não puderam mais ser dedicadas a estudos pontuais de fenômenos relacionados a determinado meio, veículo ou instrumento. Os meios de comunicação deixaram de ser entendidos como canais e passaram a ser vistos como potenciais construtores de conhecimento, responsáveis pelo agendamento de temas públicos e formadores de compreensão sobre mundo e a política.

A limitação de enxergar a mídia como canal de comunicação não pode ser exercida neste trabalho. Temos uma situação na atual conjuntura que nos obriga a introduzir uma análise mais abrangente e, ao mesmo tempo, detalhada. Estabelecer uma correlação entre o específico e o generalizante faz parte de um processo analítico complementar, que nos possibilita a conversa entre escalas de análise que, embora análogas, configuram um tipo de estudo mais completo e enriquecedor. Para tanto, buscar os sentidos de uma mídia mais inclinada para a Ciência Política, não exclui totalmente a mídia entendida pelo campo da Comunicação; pelo contrário, por se tratar deste um estudo geográfico, que por natureza deve considerar nuclearmente a pluralidade das ciências e o permanente diálogo entre elas, manteremos as consonâncias de ambas vertentes científicas. Sendo pois a mídia como um meio político que utiliza-se de técnicas comunicativas-informacionais para alcançar certos objetivos, temos aqui um meio-político eficiente dentro de um espaço-tempo que nos obriga a não delegar do quanto estes mecanismos informacionais são imprescindíveis.

Cabe , comenos, dilucidar o fato de que este “meio-político” não se resulta em uma massa invisível que automaticamente dita as formas ideológicas e comportamentais. Ela é gerida por estruturas de poder que impulsionam toda a sua engenharia funcional. Um impulso que tem sua gênese ligada a uma condição de poder; enraizado por uma condição de poder; e movido por uma condição de se alcançar o poder. São lutas não entre uma matéria escura e um propósito ideológico, mas um combate entre homens-homens. Richard Fagen (1966, p.17), contribui para uma explicação sobre como estes processos ocorrem na comunicação:

Aliás, o mais duradouro de todos os conceitos no léxico político, o conceito de poder (e/ou influência) está inextricavelmente ligado à comunicação. Não podemos conceber o exercício do poder por parte do indivíduo A sobre o indivíduo B.

Este combate, nem sempre se dá de modo igual. Há um cenário de poder pré-estabelecido, um plano de fundo de total assimetria entre partes, como diria Michel Foucault em seu *Microfísica do poder* , escrito na década de 70 , por vezes tão discrepantes ou mais como a distância da superfície ao nível do mar ao ponto mais

profundo da depressão *Challenger* ; essas relações de poder são nítidas no cerne do fluxo midiático. Mas ele não aparece com tamanha nitidez, pois utiliza uma capa incolor mas embaçante, a distorcer, pelo menos por uma retórica discursiva, os sentidos de sua real intencionalidade. É por isso que para atingir o conhecimento, deve-se caminhar rumo as entranhas; adentrar a boca do orador-mídia como um alimento a ser ingerido e, em seu estômago, descobrir verdadeiramente os escusos interesses desses grupos que apenas lutam pelo poder, para depois, combata-lo. O conhecimento é penoso, mas não deve haver pena maior do que cumprir uma sina de comandados. Como Fagen afirma,

ainda é o homem o produtor e manipulador de símbolos que aparece como o único elo indispensável no processo de comunicação. (Idem, p. 16).

Vê-se então que são as relações de intelligentsias hegemônicas que delineiam os traços das políticas e, a mídia, constitui-se como uma indispensável condicionante; meio permissivo chave nas dinâmicas de transformação das culturas. Este é o objetivo da transformação cultural; transforma-se para deformar; deforma-se para formar; forma-se para conformar; conforma-se para comandar; e comanda-se para escravizar.

Nestes aspectos temos um momento pensado por Rubim (2000, p.28) como “idade-mídia”. Fortemente ligado com a indústria-cultural, a “idade-mídia” aparece como uma fração do tempo-espaço onde o imaterial ganha substância. O capitalismo não necessita apenas daquilo que se é concreto. Todo amálgama impalpável ganha seu interesse maneado por uma lógica de mercado; uma lógica de poder:

Antes disto, Theodor Adorno e Max Horkheimer já tinham detectado a subsunção da produção da cultura a uma dinâmica de produção eminentemente capitalista, quando da formulação do conceito de indústria cultural. Este conceito, muitas vezes tão mal compreendido, em seu cerne, denuncia a preponderância da lógica da mercadoria (“indústria”) e a conseqüente subordinação a ela da lógica especificamente cultural, configurando assim uma produção (capitalista) de bens simbólicos. Isto é, aponta a expansão do capitalismo como modo de produção, agora não mais limitado a produzir bens materiais, como acontecia desde o século XVII, mas também incorporando setores cada vez mais significativos de bens simbólicos, desde o século XIX e, em especial, no século XX.

Novos elementos começam aqui a serem considerados. Um tempo que se reestrutura e que se complexifica faz uma ponte ao motor deste artigo: a cultura. Até mesmo antes de discorrermos diretamente sobre a *cultura de massas*, torna-se antes necessária uma breve exposição do conceito de cultura. Toca a cautela é pouca.

Devido ao seu caráter multidimensional, constantemente transformado ao longo da história e dos interesses no decorrer do tempo, a cultura representa mais do que simples modos de vidas, ou soma de costumes. Ela revela um conteúdo histórico-geográfico-político muitas vezes não levado em conta.

Trazendo uma definição mais geográfica, primeiro, temos Paul Claval (2006), que enxerga a cultura como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores cultivados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. Ele vê ainda que “a cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. O contato entre povos de cultura diferentes são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou inovações que florescem em seu seio. O conteúdo de cada cultura é original [...] Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhadas.

Logo, pode-se entender que a cultura não é um conjunto fechado, mas passa por transformações, pois pode modificar a si mesma, bem como apropriar-se de elementos externos e incorporá-los. Portanto, nenhuma cultura permanece estática, transforma-se no espaço-tempo, impulsionadas pelas decisões políticas. É isto que faz com que a própria cultura esteja em constante mutação.

Entendida antes como cultivo relacionado às atividades agrícolas, técnicas e os costumes, o conceito de cultura vem sendo, constantemente, transformado ao longo da história, como afirma Danielle Canedo, “até o século XVI, o termo era geralmente utilizado para se referir a uma ação e a processos, no sentido de ter “cuidado com algo”

seja com os animais ou com o crescimento da colheita, e também para designar o estado de algo que fora cultivado, como uma parcela de terra cultivada.” (CANEDO, p.2). Este é um tipo de definição que não se encaixa pelo viés deste trabalho. Idealiza-se aqui a consideração da cultura em um sentido mais geográfico, uma ligação do homem com seu ambiente e como este fio imaterial e amorfo mantém-se historicamente entre os saberes e os sentires.

Buscando uma outra concepção de cultura, apelamos para Edgar Morin em sua obra se encararmos a princípio a cultura como um estudo detalhado de um ou mais aspectos sociais, tornar-se-ia muito abrangente se comparado a sua concepção humanista. “De um lado, uma “cultura” que define, em relação à natureza, as qualidades propriamente humana do ser biológico chamado homem, e, de outro lado culturas particulares segundo as épocas e as sociedades.” (Idem, p.14-15).

Para Paul Claval, respostas tidas hoje como obsoletas satisfizeram os anseios científicos durante um período, como aquela ideia de que “o norte é temperado e rico. O sul tropical é quente e pobre [...] Os brancos são superiores a todos os outros” (CLAVAL, p.9). Esses conceitos têm em seu cerne características etnocêntricas, com um referencial específico de poder. Entretanto, encontram-se hoje em desuso por não corresponderem às novas concepções de cultura, em função da multilateralidade do conceito dada a diversidade dos povos e ao grande número de intercâmbio envolvendo técnicas e costumes assimilados, transformados, transmitidos e perpetuados de formas diversas.

Conforme Bosi (1992, p.16), onde considera que a cultura também pode ser entendida como “conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo. Esta cultura, transformada em cultura de massas por vetores políticos, através de técnicas da comunicação, perpassa, na maioria dos casos, sem resistência, como um senso-comum consolidado. Salvo grupos os quais mantém profundas ligações com suas culturas regionais tradicionais.

Segundo o pensamento de Macebo (2002), há uma concordância no pensamento dos intelectuais desse campo no qual designa que a indústria cultural como ascendente Revolução Industrial. Todo aparato tecnológico do final do XX, em um momento de intensificação do processo de globalização, potencializou essa disseminação diversificando informações e dando uma sensação de proximidade entre as pessoas, aumentando o contato com diferentes tipos de culturas. No entanto, nas primeiras décadas do século vinte já se percebia indústrias, principalmente, do setor midiático que já deixava expresso seu caráter homogeneizador. Voltando a Edgar Morin, a cultura de massa:

[...] é produzida segundo as normas maciças da produção industrial; propagada pelas técnicas de difusão maciça [...] destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classe, família, etc.). (Morin, p.14)

Esse tipo de cultura visa satisfazer todos os tipos de gostos. Não pela valorização das tradições, mas para criação e re-criação da sociedade de consumo. Para tanto, a mídia possui variedade, para assim, tentar abranger o maior número de pessoas e características possível. Essa variedade de certa forma está dentro de um sistema que visa um enquadramento dos costumes associado ao incremento do lucro. Neste sentido, cria-se um padrão ditado pela indústria-cultural.

O catálogo explícito e implícito, esotérico e exotérico, do proibido e do tolerado estende-se a tal ponto que ele não apenas circunscreve a margem de liberdade, mas também domina-a completamente. Os menores detalhes são modelados de acordo com ele. Exactamente como seu adversário, a arte de vanguarda, é com as proibições que a indústria cultural fixa positivamente sua própria linguagem com sua sintaxe e seu vocabulário. (ADORNO & HORKHEIMER, p. 60).

Segundo Edgar Morin (2002), surge nos Estados Unidos, na década de trinta, um novo tipo de mídia, que possui como finalidade atingir a todos. Para estes fins, usa-se um aparato de vetores tecnológicos e técnicas psicológicas que possibilitam a disseminação de seus ideais. Logo, o sincretismo é utilizado como forma de homogeneização, fundindo culturas diferentes e até mesmo antagônicas, criando “necessidades” e, por conseguinte,

os paradigmas da própria. Todas as ações são feitas através da espetacularização, onde se usa elementos jocosos para alimentar a alienação das classes sociais. O controle dos consumidores é mediado pela diversão (ADORNO & HORKHEIMER, 1947, p.64).

A hilariedade põe fim ao prazer que a cena de um abraço poderia pretensamente proporcionar e adia a satisfação para o dia do pogrom. Na medida em que os filmes de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o Pato Donald nos *cartoons*, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem. (Ibidem, p.65).

Adorno e Horkheimer referiram-se ao caráter do entretenimento e ao consumo de uma cultura que não representa conceitualmente, de fato, o termo cultura. O capitalismo, como qualquer tipo de sistema, traz uma inexistente ideia de liberdade. A indústria cultural carrega em seu cerne o fato de que todos podem adquirir seus produtos; ela adentra no mundo lúdico e fornece, assim, uma mistura de popular com erudito, do tradicional com o moderno, a fim de manter as estruturas para utilizar-se delas a seu bel prazer. Obviamente que as classes menos favorecidas encontraram problemas ao gozar dessa “homogeneização”.

Ainda, a dupla- dinâmica-filosófica da Escola de *Frankfurt* garante-nos que “a eliminação do privilégio da cultura pela venda e liquidação dos bens culturais não introduz as massas nas áreas de que eram antes excluídas”. Tem-se, portanto, uma falsa concepção de que vivemos em um mundo de possibilidades e escolhas, quando na verdade somos “domesticados”. Alguns elementos/pessoas são excluídas por um período determinado enquanto outros são relevados e utilizados para manter as estruturas de poder. Nisto, nossos impulsos pessoais são sobrepostos aos poucos, numa espécie de lavagem cerebral proveniente dos conteúdos de duas vertentes da indústria-cultural: (I) entretenimento - a indústria-cultural-do-cinema, a indústria-cultural-da-música e a indústria-cultural-dos-esportes, por exemplo – e (II) (des)informativa - indústria-cultural-da-imprensa, onde as revistas, os jornais, telejornais, , *sites*, *blogs*, *vlogs* e *daily vlogs* expõem, sem censura, as veias capitalistas da indústria-cultural.

Partindo agora para uma recontextualização histórica, é a partir da década de 70, com os avanços científicos e tecnológicos favorecendo o desenvolvimento de instrumentos informacionais que toda uma rede mundial de comunicação é materializada e estabelecida, diminuindo as distâncias e o tempo. A noção de rede nos remonta, neste artigo, ao implícito o conceito de poder trabalhado por Claude Raffestin (1993) em seu “*Por uma geografia do poder*”. O geógrafo suíço mostra a relação de dominação do território por parte do Estado controlando a circulação de pessoas e mercadorias.

Para Raffestin, ainda, as redes possuem duas faces de mobilidade; a primeira, seria a da comunicação, responsável pelas transferências de informações, na segunda, a circulação é responsável pela transferência de bens e pessoas, ambas são complementares e estão presentes nas estratégias de dominação. Podemos aplicar estas ideias de informação e circulação na proposta desta pesquisa.

Os detentores do poder , tanto necessariamente político, como econômico, constroem malhas nas superfícies do território para delimitar campos operatórios, desenvolvendo mecanismos de controle sobre a circulação. É deste modo que podemos observar que nenhuma sociedade escapa da necessidade de organizar suas ações de controle da população e produção em geral. E sendo assim, introduziremos o conceito de *trunfo do poder* que o autor aponta como o domínio do meio informacional.

As sociedades com forte domínio territorial são as caracterizadas por fluxos consideráveis de informação, que necessitam de enormes quantidades de energia. [...] Quem procura tomar o poder se apropria pouco a pouco das redes de circulação e comunicação: controle dos eixos rodoviários e ferroviários, controle das redes de alimentação de energia, controle das centrais telefônicas, das estações de rádio e de televisão. Controlar as redes é controlar os homens [...]. (RAFFESTIN, 1993, pg.191)

Esse controle sobre os fluxos materiais e imateriais, por parte do Estado ou de outros grupos – ou em uma associação dos dois -, condiciona a possibilidade de seleção por parte dos dominadores sobre o conteúdo e a espécie de informação que circulará no território; principalmente no âmbito midiático, em que a população tem acesso às informações e acontecimentos sobre o mundo.

Atendo-nos pois ao fenômeno da globalização, responsável pela diminuição das distâncias e a maior fluxo de informações em circulação no território mundial, Sarita Albagli nos alerta sobre a ocorrência de uma maior interdependência aliada à integração em processos referentes à economia, política, cultura e social. O Estado passa a perder sua autonomia sobre o território, como na intervenção nas políticas econômicas, na mediação de interesses e tem que se render as imposições do capital internacional.

Trata-se, (...), da fragilização dos mecanismos de controle social, político e econômico de base territorial, em proveito da concentração de poder pelas corporações transnacionais e instituições financeiras, que conformam uma teia institucional coercitiva no plano global. (1999 , p.190).

Assim, informações são transmitidas em intervalo de tempo cada vez menores. As regiões que são dotadas de infraestrutura para pleno funcionamento desse capital são favorecidas. Essas estruturas normalmente proporcionada pelos estados, são manipuladas de modo que atendam as expectativas de grandes capitalistas, para o funcionamento e transmissão de informações, mercadorias e ordenamento de serviços bancários. Ainda, a autora nos aponta que essas mudanças causam grandes modificações em múltiplas escalas,

[...]a globalização é percebida como associando-se ao aprofundamento da tendência à hegemonia da cosmovisão ocidental/“americanizante”, assentada na racionalidade tecnológica e na penetração de valores de mercado em todos os espaços e em todos os campos da vida social. Estaria assim promovendo o declínio das identidades sob as forças da estandardização, a desconstrução do local enquanto singularidade, bem como a descaracterização ou perda de autenticidade das culturas locais, frente à sua cada vez maior permeabilidade às influências externas.

Dessa ótica, as redes de comunicação, atuando como cadeias de fluxos contínuos de informação e de imagens, contribuem para descolar o indivíduo de seu ambiente imediato, vinculando-o a outros espaços de referência, que não mais o local enquanto continente de memória coletiva. O caráter crescentemente urbano da vida social acentua a tendência ao estabelecimento de padrões comuns entre as diferentes localidades (Idem, p.187).

A maior aproximação e aumento da quantidade de informações no território, faz com que a cultura não tenha sua dinâmica tão relacionada ao território , àquela vinculação

do morador com o local, a própria ligação enraizada do ser com sua cultura tradicional e de seus saberes historicamente construídos. A cultura, quando não desaparece, tende a ser cooptada para o exercício da manutenção dos grupos que detém o poder.

E aliada ao poder-informacional, em uma fase onde o capitalismo constitui meios-técnicos-científicos-informacionais, podemos trazer para o debate algumas conclusões que Milton Santos (2000, p.39), discute à respeito das técnicas de comunicação utilizadas pelo capitalismo. Para ele,

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições homogêneas, é, já, o resultado de uma manipulação tal informação se apresenta como ideologia. O fato de que, no mundo de hoje, o discurso antecede quase uma parte substancial das ações humanas – sejam elas a técnica, a produção, o consumo, o poder – explica o porquê da presença generalizada do ideológico em todos esses pontos.

Certamente, os sentidos tratados por Milton Santos não são necessariamente culturais. Contudo, aglutinam em torno de si, variáveis culturais de acordo com a visão por nós proposta: a de considerar a cultura um elemento-fruto dependente das políticas orientadas em diferentes tempos e espaços-territórios-regiões.

Na obra de referência que marca a transição de uma Geografia Crítica/Marxista/Social dos anos 70 para uma vertente Cultural-Marxista, engendrada por David Harvey, *Condição Pós-Moderna*, de 1989, temos um novo ambiente que compõe bases interessantes dentro do capitalismo como uma base sinfônica em meio a esta apresentação. A arquitetura urbana de Nova Iorque é apenas mais um ingrediente dentro de uma cultura reestabelecida que se impõe constantemente através de n meios. Harvey *apud* Huyssens (1984), :

O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o termo “pós-moderno” é na verdade, pelo menos por agora, totalmente adequado [...] num

importante setor de nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente. (HARVEY, 1989, p.45).

Fechando este referencial teórico, para que o estudo não seja confundido com uma pesquisa sociológica, de ciência política ou de comunicação, trabalharemos nele com o conceito geográfico de região. Compreendemos a como uma porção de vários espaços ou territórios somados que compartilha características físicas, sociais e culturais em comum, e que está passível de, como qualquer porção do espaço, ser regida por uma organização que busca o poder. O próprio conceito de região está ligado com a atividade de regência, mas também liga-se à noção de uma apropriação administrativa que planeja e ordena o território segundo os desígnios de grupos específicos; uma apropriação territorial-espacial que reúne em si uma multiplicidade de conflitos ideológicos, frutos do embate entre grupos que buscam a posição de coordenador das ideias e costumes sociais (BEZZI, 2004; CASTRO, 2005; GOMES, 2000).

E será pela região, mas uma região interpretada pelos olhos daqueles que fazem um tipo de TV, que analisaremos como as estruturas de poder que orientam a mídia de maior peso regional modificam a cultura através de suas abordagens e exposições. *O Jornal da EPTV 1ª Edição*, transmitido pela EPTV - Sul de Minas, deveria trazer, quando abordado os aspectos culturais, características regionais que evidenciem e acentuem as peculiaridades existentes. Esta é a observação nevrálgica a se fazer.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como a cultura do sul do Estado de Minas Gerais é abordada pelo Jornal da EPTV – 1ª Edição.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Diferenciar conteúdos culturais-tradicionais do sul de Minas de conteúdos de cultura de massa;
- Demonstrar de que maneira o veículo midiático contribui para a produção e reprodução de uma cultura de massa;

- Valorizar o tradicionalismo cultural sul-mineiro;
- Defender os valores simbólicos tradicionais acima dos valores mercadológicos modernos;
- Refletir qual tem sido o tratamento dado por um meio formador de opinião em relação à cultura do sul de MG.

4. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir da escolha pelo método dialético, pois, como trata-se de uma análise em que o objeto reflete níveis expressivos de contradição, pode-se utilizá-lo dentro de sua capacidade de perpassar pelas ideias e sentidos, a retirar delas as clivagens estruturantes das intencionalidades materiais-reais presentes no discurso trazido pelo conteúdo jornalístico do *Jornal da EPTV – 1ª Edição* (NETTO, 2011).

Por isto, a técnica de AD (Análise do discurso), foi determinante para uma aplicação observacional nesta pesquisa. Constituída por etapas de observação linguística e simbólica, associando os elementos verbais-auditivos e imagéticos-figurativos em simultaneidade, as contradições que implicitamente – ou não - defendem intenções políticas percebidas foram captadas para análise, correlação e classificação crítica do tipo de conteúdo transpassado.

O trabalho foi realizado em, basicamente, 6 (seis) etapas: sendo (1) Divisão de análise das obras em quartis quinzenais, (2) Observação e descrição detalhada do conteúdo jornalístico do *Jornal da EPTV-1ª Edição*, (3) Classificação do conteúdo jornalístico em tipos de temáticas definidas, (4) Separação do conteúdo cultural do restante do conteúdo recolhido, (5) Identificação e compreensão das formas de abordagem cultural sul-mineira pelo *Jornal da EPTV- 1ª Edição* e (6) Conclusão e elaboração da crítica final.

5. RESULTADOS

Ao todo, foram 681 reportagens observadas, descritas e comparadas, em um total de 52 (cinquenta e dois) dias. As reportagens foram classificadas de acordo com 8(oito) categorias temáticas pré-definidas pelos autores em: (I) Saúde, (II) Utilidade Pública, a

considerar assuntos sobre política, manifestações, trânsito e informação ao público, (III) Educação, (IV) Segurança, (V) Esportes, (VI) Meio Ambiente, (VII) Turismo, Comércio e Trabalho e (VIII) Cultura.

Como a análise foi dividida em 4 (quatro) etapas, os resultados serão expostos respeitando a mesma divisão, sendo pois, (i) o Quartil 1º correspondente à primeira metade do mês de abril e (ii) o Quartil 2º, à segunda metade do mês de abril; do mesmo modo, (iii) o Quartil 3º à primeira quinzena de maio e (iv) o Quartil 4º aos últimos quinze dias de maio.

- **Quartil 1º - 01/04 – 14/04 :**

Na primeira parte da análise, tivemos a maior parte das reportagens concentrando-se em conteúdos que expunham na tela da TV uma cultura que não remonta a uma cultura do sul de Minas Gerais.

Grande parte do conteúdo cultural concentra-se na sessão *Prato Fácil* – aos sábados - ou *Prato Feito* – no decorrer da semana. Entre os dias 01/04 – 14/04, em termos gastronômicos dividiu-se em três cidades diferentes; (i) Araras-SP, (ii) Franca-SP e (iii) Morungaba-SP. Na primeira, por ser semana de Páscoa, algumas receitas de tortinhas de chocolate com variações de frutas eram ensinadas ao telespectador. Cada dia da semana, o apresentador dava uma contextualizada sobre características da cidade a qual visitava. Entretanto, uma visão muito limitada da história, que se construía apenas em bases materiais, como monumentos. Na segunda semana, receita de *shawarma*, um típico prato árabe, foi ensinado durante a semana com variações japonesas, espanholas e francesas. Por fim, na terceira semana, sobre a combinação de saladas com frutas, o mesmo repetiu-se. Combinações sempre considerando sabores e temperos ora gregos, ora indianos, ora italianos. Nenhum trouxe elementos do Sul de Minas. Ou a referência é São Paulo, ou ela é internacionalizada.

Por ter considerado uma parte importante da Semana Santa Católica, o conteúdo cultural-religioso-cristão foi bem presente. Cenas de teatros sobre “A Paixão de Cristo”, bem como vários anúncios de encenação comprovaram isto. Algumas reportagens sobre paróquias e processos de canonização complementam o conteúdo religioso.

O *Em Cena* trouxe referências às músicas e filmes. A diversidade de público por parte da EPTV é o que chama a atenção. O foco, claramente não é a cultura sul-mineira, mas dinamizar os espetáculos para dividir públicos que consomem tipos de cultura consideradas comuns. Eventos de forró, *rock*, samba e sertanejo universitário, por exemplo, são todos relacionados a alguma *pub* ou promotora de eventos. Há sempre um comércio por detrás. Uma grande empresa que apropria-se de um costume para injetar a lógica perversa e mercadológica do capitalismo selvagem.

- **Quartil 2º - 15/04 – 31/04 :**

No Quartil 2º, constata-se a cultura de massa está presente em todos os lugares, A programação do *Jornal da EPTV 1ª Edição* dentre o período do dia 15 ao dia 30 de abril, não houveram reportagens que, de fato, representassem a cultura sul-mineira. Como a cultura de massa é muito forte e a mídia umas das suas principais propagadoras, algumas reportagens e temas chamaram atenção. Quadros como *Prato-feito*, dicas culturais que ocorrem às sextas-feiras, o *Em Cena* além da parte esportiva, onde majoritariamente o futebol reina, tiveram um espaço considerável na programação do jornal.

Em uma das reportagens, trazendo a manchete “Dicas de *selfie*”, que foi ao ar no dia 21 de abril de 2015, imprime uma reportagem excepcionalmente voltada à cultura de massa, pois, tem um enfoque banalizado e homogeneizador, inserindo as pessoas em uma realidade idiotizada por uma moda ditada em um ciberespaço que, a cada dia de nossa contemporaneidade, preenche nossos tempos com uma naturalidade não-natural. Concomitantemente, tem-se uma falsa sensação de que não há estratificações sociais e todos devem adquirir ao novo modismo, afinal: quem não tem uma câmera hoje em dia? Contudo, será mesmo que a questão social sai de cena quando o assunto é homogeneizar? Será que pode-se pensar que há a mesma quantidade de pixels na câmera de um trabalhador braçal se comparada com a de seu patrão? Segundo Waldenyr Caldas:

“apesar de a cultura de massa dirigir seus produtos indistintamente às classes sociais, ela o faz estratificando a qualidade.” (2008, p.99).

Também houve uma reportagem sobre modas transmitida no dia 21 de abril de 2015. Nela, uma junção de várias “tribos” sociais é percebida como incremento das descrições das peças de roupa. Com isso, a matéria tende a inculcar no telespectador não



somente um padrão de vestimenta a se seguir, mas também um modelo de beleza estética referenciada. Na reportagem não havia nenhuma modelo *plus size* ou afrodescendente. Todas eram magras, de pele clara e cabelos lisos; o tipo de beleza mais padronizado, frequentemente apregoado no século passado e que, nesta década, começa, aos poucos, a perder centralidade, muito embora continue sendo ainda o padrão a se seguir, o mais socialmente aceitável aos olhos da sociedade, mesmo que nosso país seja em sua maioria constituído por mestiços.

Todas as sextas-feiras no *Em Cena*, há dicas culturais para o final de semana, no dia 17 e 24/04 foram abordados desde filmes *hollywoodianos* até *pub's* regionais. Mas, na verdade o que não se pode fazer é ficar em casa sem consumir! Existem estilos músicas para todos os gostos na programação, partindo do *rock* clássico até um pagode: tudo para agradar o público. Do nacional para o regional. Brasil-o-país do futebol e do catolicismo. É notório que, em todas as edições, quando fala-se de Esportes majoritariamente se fala em futebol, no período da pesquisa foram aproximadamente seis horas e quarenta minutos de reportagens. No campo “Esportes”, um total nesta quinzena de 1h 34min. de maçantes reportagens sobre futebol, em função do andamento do Campeonato Mineiro 2015, e o destaque de um clube regional, a Caldense, de Poços de Caldas-MG, disputava as fases finais.

Quando temos um conteúdo mais cultural, inclina-se para um viés religioso com foco estrito no catolicismo, como aponta uma específica reportagem veiculada no dia 20/04/2015. Entende-se a centralidade pelo fato de por ser o Catolicismo a religião de maior número de seguidores do Brasil (IBGE, 2010). Por conseguinte, logicamente a aceitação será maior do que se fosse qualquer outra religião ali representada. Obviamente que por trás dessas notícias, interesses de inteligentsias políticas estão ali subliminarmente estabelecidos nos discursos. Em uma cultura ligada à gastronomia, trabalhada no quadro *Prato feito*, não abordara-se comida típica alguma da região nesta quinzena. Esta porção do *Jornal da EPTV*, além de não contribuir para clichês que existem sobre o interior, como por exemplo, no dia 16 de abril de 2015, onde o repórter-apresentador Fernando Kassab, ao abordar uma paisagem de fundo onde haviam cavalos pastando, como “típicas paisagens da região Sul Mineira e do interior de São Paulo”. Um dos grandes problemas da cultura de massa é que através da mídia ela tende levar as

peças a um adestramento crítico, pois, diariamente, fortes doses da anestesia do conformismo lhes são aplicadas; ademais, disseminam o senso comum como um vírus, mantendo assim o controle massivo da população.

- **Quartil 3º - 01/05 – 14/05 :**

Durante a primeira quinzena de maio, a programação total do *Jornal da EPTV* somou aproximadamente 6h (seis horas) diretas de programação, onde ao menos 2h (duas horas) foram direcionadas a seção de esportes; número expressivo pelo fato da final do Campeonato Mineiro de 2015 ser entre uma equipe regional – a Caldense, de Poços de Caldas – e um dos principais clubes do Estado – o Clube Atlético Mineiro, da capital Belo Horizonte. Apesar do destaque usual para a seção esportiva pelo feito, tinha-se na verdade, o intuito de instigar a população regional à disputa entre dois times regionais, com uma reportagem dedicada ao acréscimo de 1.000 ingressos, para o evento. É fácil perceber a finalidade para a qual as matérias são selecionadas e editadas, comprovando o que diz Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em seu livro *A Dialética do Esclarecimento* (p.57):

A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem.

O noticiário se dá pela mescla de elementos culturais diversos, como religiosidade, no caso a religião católica, receitas de culinárias atípicas, moda, esportes, quase exclusivamente o futebol (com apenas uma reportagem durante a quinzena sobre ciclismo), além de tecnologias voltadas para o consumo. Informações de utilidade pública, como saúde, educação e casos de violência, geralmente são apresentadas com

informações básicas ou em forma de alerta. Vide os casos de dengue, campanhas de vacinação, assaltos, acidentes e reivindicações relacionadas a problemas de bairro. Durante o período analisado, apenas duas matérias foram relacionadas à questão da educação, um delas com tempo de exposição relevante, mas sem enfatizar a situação da educação na região, ou programas educacionais em curso com vistas a população sul mineira.

Fica clara a forma de se organizar do *Jornal da EPTV* a fim de alcançar de forma generalizada a todos os “tipos”, uma característica da massificação promovida pelos diversos meios de comunicação, e de uma minoria de informações de fato relevantes a população, ocorrendo muitas vezes com tempo de exposição reduzidos e muitas delas organizadas sem uma pesquisa séria, pois elas tem em primeiro lugar o intuito de simplificar para incluir, e inculcar informações de relevância duvidosa.

- **Quartil 4º - 15/05 – 30/05 :**

Os resultados obtidos nas observações do dia 15/05 à 30/05 seguem muito parecidos com o que já fora relatado até aqui na discussão. Pôde perceber-se apresentações de uma cultura de massa, não permitindo muitos espaços às culturas locais.

O conteúdo do programa nesse referido recorte temporal evidência uma predominância de conteúdos referentes à “Utilidade Pública”, com destaques para reportagens exibidas no dia 23/05/2015, que demonstram a ineficiência de aplicação de recursos públicos por parte da prefeitura de Varginha-MG em um monumento que com função de se tornar novo ponto turístico da cidade, mas que obra estava parada a mais um ano e a prefeitura havia estabelecido uma nova data de entrega do memorial do ET.

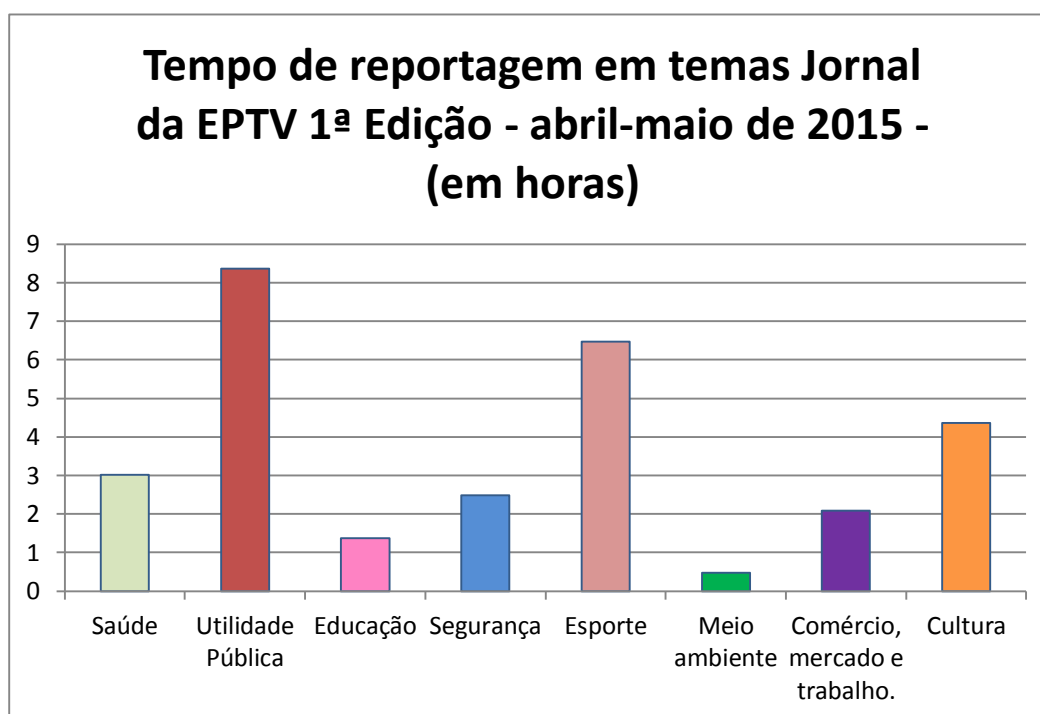
A categoria referente à “Esporte” é o único conteúdo a ser exibido em todas as edições nos dias observados. Limitaram-se em mostrar modalidades de futebol e futsal. Também pode perceber-se nos dias 25/05 e 26/05 ênfase em mostrar campanhas de iniciativa populares, para arrecadação de fundos, como em uma reportagem exibida no dia 25/05 mostrando uma campanha para o hospital do câncer da cidade de Passos-MG, que foi criado um evento reunindo uma feijoada junto a um torneio de futebol, visando promover um aumento da capacidade de atendimentos. Já a reportagem exibida no dia

26/05 mostra uma campanha dirigida para arrecadação de cabelos para a confecção de perucas para pacientes em tratamento contra o câncer, a ação incentivava estudantes e moradores a cortarem parte de seus cabelos para ajudar pacientes em tratamento contra o câncer, a ação acontece no instituto federal do município de Inconfidentes-MG.

Nos conteúdos relacionados à religião, o *Jornal da EPTV*, limitou-se também a mostrar apenas manifestações ligadas à religião católica, como no dia 22/05 em reportagem mostrada sobre Santa Rita de Cássia, padroeira de várias cidades do sul de minas. O registro da festa foi feito na cidade de Cássia-MG, que recebe 10 mil turistas em decorrência da festa, reportagem voltada para mostrar a fé, mas, que evidencia implicitamente ganhos referentes ao turismo religioso. Em outra matéria exibida no dia 20/05 que mostra a indicação de pároco para a diocese de Campanha-MG ordem que vem direto do Vaticano. Fica evidenciado que não existem reportagens mostrando outras manifestações ou representações religiosas diferentes na região.

Ainda na amostra observada, outro assunto que chama a atenção são reportagens sobre o crime ambiental de envenenamento de uma árvore centenária em uma avenida do centro de Poços de Caldas-MG, mostradas nos dias 21/05/2015 e dia 28/05/2015, na primeira reportagem acontece na forma de denuncia, mostra que alguém injetou substancias no troco da arvore, além de ter cortado parte dessas para que não houvesse circulação de seiva em seu interior, vendo o ocorrido um morador percebe as modificações que a arvore passa e cria uma campanha via redes sociais. Na segunda reportagem do dia 28/05, mostra ações da prefeitura da cidade na tentativa de salvar a árvore por medidas efetivadas por agrônomos funcionários da prefeitura, e em esclarecimentos da polícia sobre eventuais investigações para tentar chegar ao responsável pelo envenenamento. Reportagens tentam mostrar uma possível mudança de consciência, relacionadas ao meio ambiente, com relatos de muitos moradores contrários a prática e exaltando a “natureza”.

Gráfico 01 – Tempo de reportagem em temas Jornal da EPTV 1ª Edição – abril – maio de 2015 – (em horas)

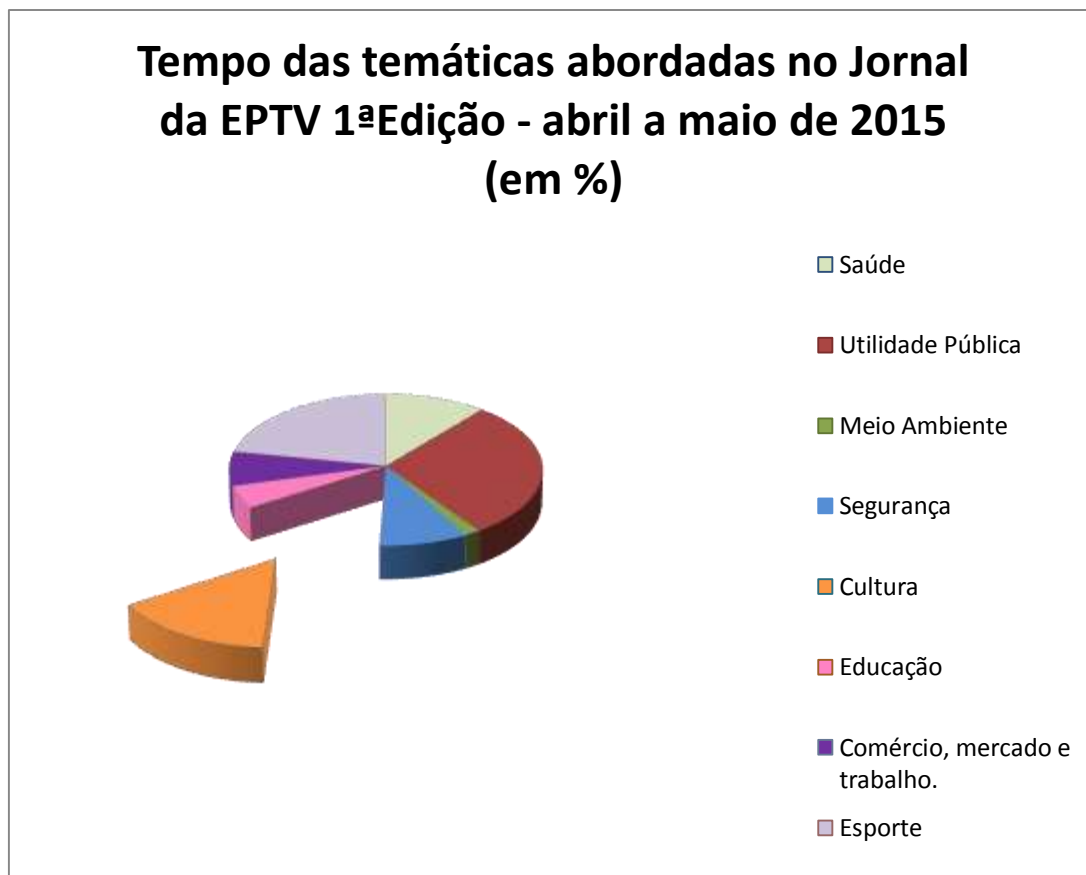


Fonte: Organizado pelos autores. Jun./2015.

Em um total de 28h40min. de programação, tivemos algumas categorias com maior atenção pela equipe dirigente do *Jornal da EPTV- 1ª Edição*. A categoria com mais horas de transmissão foi a de “Utilidade Pública” totalizando 8h18min. de programação do gênero. Enquanto isto, “Esporte” aparece com aproximadamente 6h25min. “Cultura” soma 4h30min., “Saúde” condiz com 3h05min. da programação total, “Segurança” conta com 2h30min., “Educação”, 1h25 e “Meio Ambiente” corresponde à 30min do total.

É possível identificar, através desta síntese quantitativa, uma importância dada à “Cultura”. Em um comparativo entre as demais categorias presentes, convertida em porcentagem, temos um contraste interessante, como pode-se observar no gráfico abaixo:

Gráfico 02 – Tempo das temáticas abordadas no Jornal da EPTV 1ª Edição – abril a maio de 2015 – (em %)



Fonte: Organizado pelos autores. Jun. 2015.

Em ordem decrescente, tivemos, em termos de porcentagem do tempo total analisado, 29,30% do tempo dedicado à “Utilidade Pública”, 22% dentro do tema “Esportes” - futebol e futsal -, nosso principal objeto, a “Cultura”, aparece com 15,36%, “Saúde” com 11%, “Segurança” compreende 8,72%, “Turismo, comércio e trabalho” concentra 7,24% , “Educação” refere-se à 4,71% e, por último, “Meio Ambiente” à 1,68%. O gráfico abaixo, compara o conteúdo total,

Gráfico 03 – Comparativo entre ”Cultura” e “Outros” Jornal da EPTV – abril – maio de 2015

**Comparativo tempo de exposição
"Cultura" x "Outros" Jornal da EPTV -
abril - maio de 2015**



Fonte: Organizado pelos autores. Jun. 2015.

Estes dados apontam o quanto a “Cultura” aparece em evidência no *Jornal da EPTV* – 1ª Edição. Dentro disto, consideramos uma totalidade do conteúdo Cultural como sendo uma cultura de massa. Pode parecer assustador, e é. Dentre este material “Cultural”, tivemos, em ordem crescente, aprox. 56min. de uma cultura da indústria-musical e indústria-do-cinema, mais 110min. (1h50min.) do tempo de uma cultura-gastronômica-erudita-internacionalizada e mais 104min. (1h44min.) restantes de uma cultura-religiosa-cristã.

6. CONCLUSÃO

Com base nas 681 reportagens observadas durante um período de 52 dias, há algumas manifestações que gostaríamos de considerar nesta conclusão. Partindo do pressuposto de todo referencial teórico discutido e dos resultados alcançados podemos perceber como o conteúdo jornalístico retrata a cultura sul mineira.

Para tanto, quase toda a abordagem cultural limitou-se necessariamente a (I) uma cultura-religiosa-cristã, (II) uma cultura-gastronômica-erudita-internacionalizada, sempre referenciando pratos: libaneses, espanhóis, anglo saxônico, japoneses, entre outros, (III) No “*Em cena*”, uma típica cultura da indústria-musical associada a uma indústria-do-cinema - que juntas compõem a indústria-cultural conceituada por Adorno e Horkheimer – finalizam o tripé cultural trazido pelos quase 2(dois) meses de conteúdo jornalístico transmitido pelo *Jornal da EPTV* – 1ª Edição.

Constatou-se uma abordagem predominantemente cultural de massas. O sul-de-minas parece não existir em uma forte cultura. A maior parte do conteúdo cultural associa-se a elementos cuja origem remonta à São Paulo – influenciado pela centralidade midiática que a EPTV incentiva e por ser, São Paulo, o grande polo difusor da cultura de massa no

Brasil. A maior parte das cidades visitadas no quadro Prato Feito, e a menção de conteúdos culturais nos moldes musicais, referenciam um estilo de vida paulista/paulistano. O cinema, traz dicas amarradas à filmes *blockbusters* e de bilheteria certa.

O capitalismo consegue demonstrar com clareza o quanto tem posto seus tentáculos na cultura sul-mineira. Claro que partimos do pressuposto que, o tempo de análise é um pouco restrito para que definamos realmente qual o conteúdo repassado. Contudo, mesmo em pouco tempo, foi possível enxergar como temos uma não-representatividade do tradicionalismo cultural sul-mineiro. Um saber que considera as características completadas, de um todo sul-mineiro. Neste sentido, podemos pensar, ao problematizar esta breve pesquisa e refletir criticamente diante do conteúdo resgatado, que tipo de cultura sul-mineira queremos propagar, divulgar. Estamos em busca de consumi-la ou de vivê-la? Vivê-la consumindo-a? Ou seria, consumindo para mantê-la viva?

Talvez nenhuma das perguntas deem conta de responder-nos o correto, mas sim a valorização científica constante dos reais elementos do Sul de Minas Gerais. Como nos estudos presentes nestes anais, que trouxeram elementos importantes para uma caracterização cultural-regional; cabe-nos, mesmo, este papel. Deveríamos não nos esquecer de que, se buscamos uma libertação, uma autonomia de ideias e práticas, será através de um exercício intelectual que conseguiremos dar início ao processo. A contribuição aqui, pode ser incipiente, mas o fato de buscarmos visões renovadas pode nos conduzir a um caminho promissor.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO & HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. – Theodor Adorno & Max Horkheimer , 1947;

ALBAGLI, Sarita **Globalização e espacialidade: o novo papel do local**. CASSIOLATO, José E., LASTRES, Helena(Org). Globalização e inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul. Brasília : IBICT/MCT, 1999;

BEZZI, Meri L. **Região**: Uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas – Porto Alegre, RS: Ed. UFSM, 2004.

BOSI, A. **Dialética da Colonização**./ Alfredo Bosi. - 3º edição. – Companhia das Letras : São Paulo, 1992;

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições/ Iná Elias de Castro. – 5ª edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013;

CLAVAL, P., **A Geografia Cultural**./ Paul Claval. - 3º edição – Ed. Loyola, 2007;

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**: Uma pesquisa sobre a origem das mudanças culturais/ David Harvey. – 24ª edição – São Paulo: Edições Loyola, 2013;

_____. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo./ David Harvey. - ; tradução de João Alexandre Peschanski. – São Paulo, SP – Boitempo, 2011.

MACEBO, 2002, **Globalização, Cultura e Subjetividade**: Discussão a Partir dos Meio de Comunicação de Massa.

MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX**, 9º edição/2º reimpressão-2002;

CALDAS, W. **Cultura** ./ Waldenyr Caldas. - 5º edição – Ed.Global ,2008;

CORRÊA, Roberto Lobato. **Dimensões de análise das redes geográficas**. In: CORRÊA, R.L. Trajetórias Geográficas. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005;

FAGEN, R. **Política e comunicação**./ Richard Fagen. – 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971;

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 16ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008;

RAFFESTIN, Claude. **As redes e o poder**. In: RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. 2.ed.Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Khedir, 2011;

RUBIM, A. A. C. **Contemporaneity as the media age**, Interface _ Comunicação, Saúde, Educação, v.4 , n.7, p.25-36, 2000;

SANTOS, Milton. **Por uma geografia das redes**. In: SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006;

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à
consciência universal. / Milton Santos. – 23ª edição. – Rio de Janeiro. Record, 2013;

SERPA, A. **Lugar e mídia.** / Ângelo Serpa. – São Paulo: Editora Contexto, 2011;